



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7356 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 03 - Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos

### CARTOGRAFIAS DA CONSTITUIÇÃO DO COMUM NA CRIAÇÃO DE CONVERSÇÕES

Marcia Roxana Cruces Cuevas - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

Bruna Pôrto Rangel - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

Marcela Souza Duarte - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

### CARTOGRAFIAS DA CONSTITUIÇÃO DO COMUM NA CRIAÇÃO DE CONVERSÇÕES

Este trabalho aborda a construção de um plano comum entre duas pesquisas, mais do que nos atentarmos as nossas diferenças, buscamos traçar aquilo que nos une na tentativa de escaparmos da ficção capitalística, elucidada por Guattari e Rolnik (2013), que nos leva a enxergar as diferenças como anuladoras e a qual fortalece as individualidades, o que aqui desejamos é estabelecer relação na diferença, buscamos novas conexões a fim de traçar o *entre*, o *meio* de nossas pesquisas.

Uma dessas investigações volta seu olhar para as mulheres negras que compõem o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) colocando em análise a escassa discussão do próprio movimento acerca da interseccionalidade entre raça e gênero, ao passo que a outra foca em um coletivo feminista auto-organizado de Vitória-ES compreendendo estes como espaços possíveis de afirmação de pluralidades e partilha da vida.

Apesar de aparentar se tratar de contextos muitos específicos ambos os trabalhos buscam discutir as resistências constituídas por mulheres apostando na potência da coletividade e do encontro, compreendendo o conhecimento, a partir de Maturana e Varela (1984), como ação que permite o vivo continuar sua existência e vinculado à experiência dos sujeitos, como discutido por Larrosa (2002). Diante disso algumas questões movem o nosso pesquisar: Como os processos formativos experienciados no coletivo de mulheres se efetiva como forma de resistência? É possível que esses espaços produzam um processo disruptivo à subjetividade capitalística, criando novos modos de existências e de luta?

Corroboramos com pensadoras pós e decoloniais, negras e lésbicas que, desde 1970, colocam o gênero como categoria insuficiente para compreensão da opressão das mulheres e defendem que o sistema sexista é atravessado pelo racismo, classismo e heterossexualidade obrigatória (MAYORGA, COURA, MIRALLES, CUNHA, 2013). Buscamos, assim, nos desvencilhar do feminismo hegemônico que universaliza o que é ser mulher e omite a heterogeneidade de vidas das mulheres e de suas experiências de opressão e emancipação (Ibid).

Diante disso, apostamos, assim como Schubert (2014), nos coletivos não institucionalizados pautados na autonomia, horizontalidade e afetividade como espaços que podem operar na

diferença, se constituindo na multiplicidade e afirmando um plano coletivo que se efetua por agenciamentos. Para Escóssia e Kastrup (2005, p. 303) “Agenciar-se com alguém [...] não é substituí-lo, imitá-lo ou identificar-se com ele: é criar algo que não está nem em você nem no outro, mas entre os dois [...]”.

Acreditamos que podem ser espaços onde as diferenças não se anulam, mas dão passagem a um modo outro de existir, de lutar e de problematizar relações de poder instituídas na medida em que investem na coletividade e se dispõem a conversar sobre aquilo que se passa na vida cotidiana. Para Gordon (2005), conversação é um modo de reconhecer o outro e adentrar em seu mundo, o que para Maturana (1990), só é possível quando há aceitação na diferença. E esse conversar compreendemos, a partir de Foucault (1985), como um exercício de cuidado de si e do outro, ou seja, uma prática problematizadora, um voltar-se para si que nos conduz a indagar nossas práticas e aquilo que nos atravessa.

Concebemos, assim, os coletivos não só como espaços de conversações, mas também permeados por processos formativos já que estes são processos em permanente produção coletiva, não existindo fora de uma relação com os outros e se dão no fluxo de experiências cotidianas (BARROS; FERRAÇO; DEBENETTI, 2020).

Estamos interessadas em acompanhar os processos formativos possibilitados na constituição de conversações de coletivos e compreender se este se constitui como um espaço de resistência. A resistência, aqui compreendida a partir de Foucault (1995), se cria e se afirma em um campo de exercício de poder e não como um modo de reagir, mas, como potência de invenção de modos outros de existir e agir, assim faz menção a re-existir (HECKERT, 2014).

Apostamos na pesquisa- intervenção cartográfica por ser um método traçado no plano da experiência, onde não se separa o conhecer do fazer, afirmando a inseparabilidade entre pesquisar e intervir (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015).

Utilizamos como ferramenta o diário de campo. Este se constitui não só como método de registro da pesquisa como também uma forma de analisarmos nossas implicações, os lugares que ocupamos e registrando nossas experiências junto à pesquisa (PASSOS et al., 2015). O material produzido é analisado com base na análise do discurso proposta por Foucault (2007), visando escapar da débil interpretação daquilo que estaria por trás dos documentos, pois tomamos as produções como realização histórica e política.

Nossas pesquisas encontram-se em fase inicial de tal modo que ainda não constituímos análises conclusivas, mas, desde início das investigações, temos nos provocado ao exercício de pensamento e deslocamentos mediante a constituição inicial de parcerias e alianças nas diferentes pesquisas. Cabe destacar que por iniciar este trabalho na pandemia Covid19 temos operado pelas e com as palavras que nos conectam, nos colocam no coletivo e promovem nosso vínculo social, o isolamento social nos coloca o silêncio, limita nossa comunicação (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2020).

**Palavras-chave:** Coletivo de mulheres. Processos formativos. Resistência. Conversações.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A palavra como luto e como luta. In: **N-1 Edições Textos**. Disponível em: <https://n-1edicoes.org/036>. Capturado em 27 de agosto de 2020.

BARROS, M. E. B. de; FERRAÇO, C.; DEBENETTI, C. Formação permanente de professores de um município da Grande Vitória/ES: um exercício estético. **Revista Pro-**

**Posições**, v. 31, n. 1, p. 1-17. 2020.

ESCÓSSIA, L.; KASTRUP, V. O conceito de coletivo como superação da dicotomia indivíduo/sociedade. **Revista Psicologia em Estudo**, v. 10, n. 2, p. 295-304, mai./ago. 2005.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 9ª Ed. São Paulo, Martins Fontes, 2007.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 3**: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: RABINOW, P; DREYFUSS, H. **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

GORDON, S. **Palabras sin límites**. Conversaciones con escritores. México: Universidad Autónoma de la Ciudad de México, 2005.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica**: Cartografías del deseo. Buenos Aires: Tinta Limón, 2013.

HECKERT, A.L.C. Exercícios de resistência no contemporâneo: entre fabulações e contágios. **Psicologia em Estudo**, v. 19, n. 3, p. 469-479, jul./set. 2014.

LARROSA, J. B. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n.19. p.20-28. jan/fev/mar/abr, 2002.

LINHARES, C. F. S. e HECKERT, A. L. C. Movimentos instituintes nas escolas: Afirmando as potências dos espaços públicos de educação. **Revista Aleph: Formação dos Profissionais da Educação**, n. 12. Jun 2009.

MATURANA, H. **Emociones y lenguaje en educación y política**. Santiago: Ediciones Pedagógicas chilenas, 1990.

MATURANA, H.; VARELA, F. **El árbol del conocimiento**: las bases biológicas del entendimiento humano. Santiago de Chile: Universitaria, 1984.

MAYORGA, C. et al. As críticas ao gênero e a pluralização do feminismo: colonialismo, racismo e política heterossexual. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 2, p. 463-484, maio/ago. 2013.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.

SCHUBERT, F. P. **Práticas de militância nômade**: experimentações rebeldes e novas estéticas de luta no contemporâneo. 2014. Dissertação (Mestrado em Psicologia Institucional) – Departamento de Psicologia Institucional, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.